



A Construção de Perry e Dick por Truman Capote em “A sangue frio”¹

Amanda Pinto FRANCO²
Jadnaelson da Silva SOUZA³
Márcia Guena dos SANTOS⁴
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, Ba

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a construção das personagens Richard Eugene Hickock (Dick) e Perry Edward Smith protagonistas da narrativa *A Sangue Frio*, livro-reportagem de autoria do jornalista norte americano Truman Capote, uma obra referência dentro do chamado “novo jornalismo”. Lançado em 1966, o livro narra o assassinato da família Clutter, moradora da cidade de Holcomb, no Estado do Kansas (EUA), cometido pelos dois personagens citados. Esse artigo mostra que a aproximação entre a área do jornalismo e o campo da literatura se dá, na esfera textual, através de estruturas comuns às duas narrativas. Recorre às tipologias de personagens empregadas em alguns estudos da narrativa literária para compreender como se dá a construção dos personagens na narrativa jornalística. Além disso, discute o texto de Capote dentro do gênero reportagem, em particular do jornalismo literário.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo-Literário; Gêneros Jornalísticos; Personagens; A Sangue Frio; Narrativa.

Introdução

Truman Capote é autor de um dos maiores *Best Sellers* do jornalismo literário chamado “A Sangue Frio” (1980), traduzido para 30 idiomas, que narra a morte de quatro membros da família Clutter, moradores da cidade de Holcomb, localizada no Estado do Kansas, nos Estados Unidos, por dois ex-presidiários que foram à casa da família em busca de dinheiro.

Mas apenas contar os fatos seria uma atividade simples, própria do jornalismo noticioso. Truman fez mais, narrou o acontecido envolto ao perfil psicológico dos assassinos, tornando-os protagonistas de sua obra. Estes personagens de “A Sangue Frio” – Dick e Perry - são as peças fundamentais para o norteamo da história e será também o objeto do estudo aqui realizado. A maneira como Capote os coloca na narrativa em

¹ Trabalho apresentado à Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo em Múltiplos Meios-UNEB, email: amandapintofranco@gmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo em Múltiplos Meios-UNEB, email: jadnaelson@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UNEB, email: marciaguena@gmail.com



relação ao assassinato e a todas as outras pessoas também presentes na história deve constar na análise. Assim, esse estudo pretende identificar que o chamado jornalismo literário usufruiu de várias técnicas da narrativa literária para construir estruturas semelhantes na narrativa jornalística, no nosso caso os personagens, presentes e indispensáveis nos dois tipos de narrativa.

A composição destes personagens dentro da obra segue a perspectiva do novo jornalismo, aspecto que também será analisado. Utilizaremos os estudos de Edvaldo Pereira Lima (2004), que discorre sobre o novo jornalismo, e de Beth Brait (2002), que discute a construção de personagens em diversas narrativas, como principais referências teóricas, recorrendo ainda a outras bibliografias da área. Esses autores servirão de ponto de apoio para que a construção dos personagens Dick e Perry, por Truman Capote, seja devidamente enquadrada dentro do New Journalism. O uso da estrutura literária junto às técnicas jornalísticas provocou nesta e em outras obras do período - final da década de 1960 – questionamentos se este estilo fazia parte do jornalismo ou da literatura. Na verdade essa ainda é uma discussão aberta.

Este artigo é resultado do trabalho realizado durante o curso de férias, ocorrido no mês de janeiro de 2011, no curso de Comunicação Social-Jornalismo em Mídias, da Universidade do Estado da Bahia, campus de Juazeiro, durante a disciplina Produção Textual, ministrada pela professora Márcia Guena, quando foram analisados os diferentes aspectos da narrativa literária na obra de Truman Capote, “A Sangue Frio”. Essa discussão traz um recorte desse trabalho, ao refletir a construção de personagens na obra do jornalista norte americano.

1. O acontecido

“A Sangue Frio” foi lançado em 1966, por Truman Capote, seis anos depois do início do crime. Relata o assassinato do Senhor Clutter, de seus filhos Nancy e Kenyon e de sua esposa Senhora Clutter na propriedade da família, em Holcomb, no Kansas, Estados Unidos. Este crime chocou toda a população local e atraiu para a pequena cidade agrária e plana, “há cento e doze quilômetros a leste da fronteira com o Colorado”(CAPOTE 1980, p.21), muitos jornalistas e curiosos.

Os autores do assassinato foram Richard Eugene Hickock (Dick) e Perry Smith, atraídos pela suposta existência de um cofre dentro da casa. A dupla não encontrou o que procurava e assassinou toda a família, o que já havia sido mencionado pelo autor como parte do plano dos dois. A tranquilidade de Holcomb transformou-se em pânico. As



casas agora estavam com fechaduras novas e devidamente trancadas. Uma parte da população optou por deixar a cidade. Muitos detetives foram colocados no caso. O xerife Dewey que ficou no comando das investigações e conhecia bem a família morta, prometeu não descansar enquanto os culpados não fossem encontrados. Algum tempo depois os assassinos foram localizados, encarcerados, julgados mais de uma vez e por fim lá estavam, subindo os degraus, rumo à forca no dia 14 de abril de 1965, seis anos após o acontecido, como narrou Capote (1980).

2. Um novo Jornalismo?

A relação entre o jornalismo e a literatura não é nova. Na literatura estudada apontam-se obras já no século XVIII (FERREIRA JÚNIOR, 2003). Na segunda metade do século XIX, com a industrialização da imprensa, a notícia evolui para a reportagem, os jornalistas sentem a necessidade de aperfeiçoar a mensagem e o jornalismo de cunho literário ocupa as páginas de vários periódicos. Inspiram-se na literatura em busca dos seus próprios caminhos para narrar o real. Grandes literatos também se utilizaram das técnicas jornalísticas em suas narrativas. (LIMA, 2003, P.174)

Para o jornalista e escritor Gianni Carta (*apud* GOMES, COSTA & BATISTA, 2004, p.32) “o novo jornalismo era, na verdade, velho jornalismo quando Tom Wolfe, nos anos 60, estava certo de que fazia parte de um novo movimento literário”. A denominação novo jornalismo já tinha sido utilizada em 1887, por Matthew Arnold para se referir ao estilo reformista que as reportagens de W.T. Stead, escritas para a Pall Mall Gazette, tinham. (FERREIRA JÚNIOR, 2003, p.289).

Além do termo não ser novo, entre os precursores estão os autores da escola literária do realismo social, no século XIX. Essa escola pretendeu fazer uma representação do real semelhante ao que a reportagem faria mais tarde. Esses textos, habitualmente, “faziam o relato de acontecimentos, o acompanhamento do cotidiano, a elucidação do que ocorre com uma sociedade em transformação”. (LIMA, 2004, p. 182). Na América Latina ganham destaque, segundo Lima (2003), os pioneiros do realismo social no continente: “o cubano José Martí, o mexicano Manuel Gutierrez Najera e o nicaraguense Rúben Darío”.

No final do século XIX, muitos dos jornalistas tinham preferência pelo estilo do jornalismo-literário, que nesta época não tinha reconhecimento nas redações como produto jornalístico além de ter sido considerado como a segunda classe da literatura. (LIMA, 2004, p.188). Essa consideração será mantida ao longo dos anos e hoje muitos



estudiosos do campo do jornalismo e da literatura discordam da possibilidade de haver um jornalismo literário, considerando-o ainda como literatura de segunda classe. Avighi (1987 apud LIMA, 2004) é um dos que comunga dessa ideia. Ele acredita que a questão de alguns jornalistas escreverem utilizando recursos da narrativa literária está na carência de informação precisa, como afirma na sua Tese de Doutorado sobre o livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. Ele complementa que:

Os bons jornalistas ampliam e aprofundam uma matéria de modo a resultar numa obra de fôlego que pode permanecer nos limites de uma grande reportagem ou se incorporar ao conjunto de trabalhos que nada têm de jornalístico. (AVIGHI apud LIMA, 2004, p.212)

O Brasil teria também representantes da forma narrativa adotada pelos estadunidenses da década de 1960, com “Os Sertões” (1902) de Euclides da Cunha que aparece, em muitos autores que discutem jornalismo e literatura, como um precursor da narrativa do chamado New Journalism. Nos Estados Unidos um nome pouco mencionado é o de Jonh Reed, que muito antes da década de 60 escreveu grandes reportagens com perfis literários como “México Rebelde”, que relata a revolução mexicana de 1910, e os “10 dias que abalaram o mundo”, que conta detalhes da revolução soviética de 1917.

Outra figura muito importante no Brasil é João do Rio que reportou a realidade brasileira nas primeiras três décadas do século XX. A obra de João do Rio não é importante pelo tratamento estilístico e sim pelas técnicas jornalísticas utilizadas: “a observação detalhada da realidade, pela coleta de informações por meio de entrevistas a fontes [...], a descrição sugestiva de ambientes, o ritmo narrativo concentrado em situações vivas” (LIMA, 2003, p.219), elementos que fariam parte do jornalismo praticado no Brasil e no mundo na década de 1960.

Na década de 60, do século XX, a interação entre o jornalismo e a literatura ganha novo fôlego nos Estados Unidos, quando vários escritores reivindicam para si uma invenção já conhecida no mundo da narrativa: o New Journalism. Nomes como Truman Capote, Norman Mailer, Jonh Hersey e outros marcam o período. A proposta revivida era atrelar as técnicas de apuração e seleção jornalísticas a elementos da narrativa literária, na intenção de prender o leitor à história contada com o máximo de fidelidade ao real que fosse possibilitada pela palavra escrita.

3. Elementos da narrativa



O jornalismo tem suas especificidades. Para aproximar-se da literatura seria preciso modificar tanto a sua expressão quanto a compreensão do real (LIMA, 2004, p.178). Os modos jornalísticos de escrita são considerados menos densos e mais superficiais em relação à literatura que tende a expressar o mínimo com uma forma complexa, utilizando vários recursos da linguagem escrita, enquanto que o jornalismo quer expressar o máximo com uma forma mínima, como cita Juremir Machado (2002). A literatura também goza de mais espaço para sua veiculação. “No jornalismo, claro, nem tudo pode ser tão obscuro. Cabe ao profissional descobrir a medida da deformação necessária para dar forma expressiva ao conteúdo bruto” (MACHADO, 2002, p.50) e um dos caminhos do jornalismo é o texto da reportagem.

Narrativas como a de Capote apresentam uma estrutura com elementos indispensáveis à qualquer narrativa: foco narrativo, tempo simples ou complexo, espaço onde se passa a história e personagens que dão sentido à história. A narrativa é, segundo Muniz Sodré (1988, p. 75), “um discurso capaz de evocar, através da sucessão temporal e encadeada de fatos, um mundo dado como real ou imaginário, situado num tempo e num espaço determinados”. Já o foco narrativo é, para Gancho (2006), a perspectiva do narrador frente aos fatos. O tempo refere-se ao período em que a história se passa e pode ser dividido em cronológico (enredo linear) ou psicológico (enredo não linear). Outro elemento da narrativa é o espaço, o lugar onde está concentrada a história. Cruciais, os personagens fazem a ação do enredo, como defende Gancho (2006). Eles se complementam e dão inúmeras possibilidades de desenvolvimento dentro da obra.

Esses elementos que compõem a narrativa não são exclusivos da construção literária. Toda e qualquer história é contada a partir de um ângulo, em espaço e tempo resolutos e com a presença de personagens. Sendo assim, a notícia de jornal também é uma narrativa e é a partir desse ponto em comum que os escritores-jornalistas unem as técnicas de um estilo com a estrutura do outro.

Em “A Sangue Frio”, os personagens são apresentados com particularidade, principalmente os assassinos Dick e Perry, pela descrição feita pelo autor, principalmente de Perry. Ao invés de tornarem-se antagonistas da história, protagonizaram-na ocupando todo o espaço reservado à morte da família.

4. Construção da história a partir dos assassinos

4.1 O narrador câmera e onisciente intruso



As histórias são apresentadas por um narrador que pode ou não estar presente dentro do enredo. Ele pode mostrar-se por como observador ou mesmo como personagem. Na obra de Truman Capote “A Sangue Frio” há um narrador em terceira pessoa, que se coloca algumas vezes como narrador observador e em outras como intruso. Adéqua-se ao New Journalism pela estilística apresentada no livro, transformando-o em jornalismo-literário, no qual o próprio Capote é o narrador de sua obra e como convém na descrição de Brait (2002),

este narrador em terceira pessoa vive a curiosa experiência de conhecer uma personagem, a quem raríssimas vezes é dada a palavra, de forma total e avassaladora. O espaço habitado pela personagem, uma cela absolutamente escura, que se abre de tempos em tempos...e é violado apenas pelo poder dessa câmara capaz de descortinar progressivamente, as formas que vão materializando a personagem.(BRAIT,2002,p.53-54)

E é desta maneira que Capote vai apresentando Perry e Dick, mostrando-os gradativamente para que a imagem deles não seja colocada totalmente ao leitor, já que assim a história ficaria sem o clímax desejado. Este tipo de personagem é considerado redondo, como define Forster (1974):

aquele que está cercado pela imprevisibilidade da vida ou que são mais complexos e apresentados em seus diversos aspectos e combinam concepções e relações...são mostrados em diferentes contextos – na vida pública, na vida íntima, no estrangeiro” (FORSTER 1974.p. 55).

Perry e Dick iniciam a obra como terríveis ladrões e assassinos sem coração. Dick é um aterrorizante pedófilo que só é descoberto pelo leitor na metade do livro como no terceiro capítulo, intitulado As respostas, quando Perry descreve esta perversão de Dick:

Perry, ainda reclinado debaixo da barraca azul, observava a cena, no mesmo instante, percebeu as intenções de Dick, desprezando-o por isso Não tinha respeito “por gente que não se controla sexualmente”, sobretudo quando essa falta de controle envolvia aquilo que chamava de perversões – “incomodar crianças”, “veadagem”, “estupro” (CAPOTE,1980,p.240)

E Perry um homem bobo que seguia Dick em tudo. Mas é com a apresentação do decorrer da trama que suas famílias são colocadas para dar complexidade a esses personagens, revelando seus medos, angústias e traumas. As características psicológicas de ambos são constantemente analisadas.



Como já citado o narrador representado por Capote mostra-se também como narrador câmara, “aquele que é apresentado por um narrador que está fora da história” (BRAIT, 2002, p. 55), como em:

Durante o jantar, Dick, que consultara um mapa, anunciou que Sweetwater ficava a mais de cento e sessenta quilômetros a oeste da rua que ele estava seguindo – a rota que o levaria ao Novo México, Arizona e Nevada - até Las Vegas. Era verdade, mas óbvio também para Perry, que Dick desejava apenas se ver livre do menino e do velho. A intenção de Dick era óbvia para o rapaz também, mas foi educado e disse:

- Não se preocupe. Tem muito tráfego por aqui. A gente arruma outra carona.

O menino foi com ele até o carro, deixando o velho devorar uma nova pilha de panquecas. Apertou as mãos de Dick e Perry, desejou feliz Ano Novo, deu adeus quando eles, mais uma vez, mergulharam na escuridão. (CAPOTE, 1980, p. 251-252)

Com relação às estratégias jornalísticas de convencimento utilizadas pelo narrador, pode-se considerar que Capote buscou a credibilidade do leitor através da tentativa de comprovação por meio de fontes (personagens secundários) e documentos. Isso é percebido, por exemplo, nos depoimentos que constituem o livro. Nomes de juízes, delegados, manchetes de outros jornais e relatos das pessoas da cidade contribuíram para construir uma suposta objetividade à narrativa. Isso serve para que o leitor perceba a verossimilhança da obra com o real, pois, como afirma Brait (2002) “as surpresas ficam por conta da articulação das ações e do desempenho coerente da personagem em suas emocionantes aventuras”. Assim o autor mantém a sua relação com a chamada “verdade” jornalística, que aqui preferimos nominar verossimilhança. O caráter ficcional da literatura parece inicialmente estar ausente da narrativa de Capote em função dessa ligação com os fatos. No entanto, essa discussão é mais complexa. A relação entre verdade e verossimilhança já foi largamente debatida na obra de Capote, pois se questiona até que ponto ele foi capaz de narrar tantos detalhes das cenas vividas por uma família já morta, por exemplo. Mas nesse artigo não nos deteremos a essa questão.

Apesar das aparências, Capote não é um simples organizador de fatos. Ele tece comentários que não poderiam ser desprezados na construção desses personagens, por exemplo, em relação a Perry: “A vida de Perry não fora um mar de rosas e sim uma progressão feia e solitária de uma a outra miragem”, (CAPOTE, 1980.p.294) ou em “nem o pai nem a irmã de Perry Smith escreveram-lhe ou foram procurá-lo. Tex Jonh Smith, presumivelmente, estava catando ouro em alguma parte do Alasca - os homens



da lei, apesar de grande esforço, não conseguiram localizá-lo” (CAPOTE,1980, p. 309). Ele se intromete na história, indicando possíveis comportamentos dos personagens primários e secundários. Mas discorrer sobre o narrador câmera e a onisciência intrusa dele serve apenas de base para a observação de como são colocados os personagens Perry e Dick, já que é através do narrador que os personagens são desenvolvidos.

4.2- Perry e Dick: Protagonistas ou antagonistas

“A Sangue Frio” trata de uma narrativa em que a morte da família Clutter é o principal motivo para que a história seja relatada. Mas quem protagoniza o enredo são os assassinos. De início era percebida uma descrição clara da família, com definições de Nancy, Sr. Clutter, Kenyon e da Sra. Clutter. Diferentes dos “personagens Clutter”, Dick e Perry foram descritos aos poucos, revelando, então, diversos fragmentos de suas personalidades.

A construção das cenas destes personagens é constituída por discursos diretos e indiretos revelando a tendência do jornalismo atual e desta maneira, como descreve Lima (2004), o autor teve a “escolha mais variada desta perspectiva - angulação - o aproveitamento mais dinâmico de diálogos e das vozes dos personagens, o uso de detalhes significativos do ambiente” (p.208); isto pode ser notado durante toda a obra.

A vida emocional, principalmente de Perry, foi exposta em detalhes, suas características psicológicas e sua vida familiar. Talvez esta aproximação do autor com o assassino, durante os seis anos de acompanhamento do caso, tenha mudado o rumo da história: o que antes seria a história da família Clutter, “A Sangue Frio” resultou no relato da atuação dos criminosos. Foram levantados os possíveis motivos de Perry e Dick terem cometido os assassinatos e então todo o enredo circulou sobre estes aspectos, buscando respostas na vida pregressa dos dois.

Capote deu ênfase à falta da estruturação familiar de ambos, mais de Perry do que de Dick, como aparece claramente na narrativa. E para nortear estes protagonistas não faltaram outros personagens secundários, como Willie-Jay, um presidiário que Perry considerava como amigo, como indica uma carta enviada a Perry:

sua carta era uma tentativa de explicar sua maneira de encarar a vida, já que você é necessariamente afetado por ela. Destinava-se a não ser compreendida ou interpretada literalmente demais, porque suas ideias se opõem ao convencionalismo. Que poderia ser mais convencional que uma dona de casa com três crianças “dedicada à sua família”? Nada mais natural que ela se ressentisse de uma pessoa não convencional. Há uma considerável hipótese nas convenções. (CAPOTE.1980.p.173)

Segundo Sérgio (2007), o personagem secundário é aquele que conta a história da personagem principal. Willi-Jay foi apenas um dos figurantes que puderam comentar sobre as relações emotivas de Perry. Além de Jay, psicólogos, pais e irmã também cercaram a história em torno dos rapazes, tornando-se personagem testemunha do lado emocional e psicológico de Perry e Dick. Os personagens testemunha são segundo Brait (2002)

recursos de caracterização, que utiliza personagens secundários para fazer conhecer a personagem principal... o narrador, de forma discreta vai criando um clima de empatia, apresentando a personagem principal de maneira convincente e levando o leitor a enxergar, por um prisma ao mesmo tempo discreto e fascinado, a figura do protagonista (BRAIT, 2002, p.64)

Don Cullivan foi um dos personagens secundários utilizados para descrever Perry, como pode ser lido no trecho de uma carta enviada ao personagem:

Pelo que me lembro, me dava bem e simpatizava com você. Estava sempre alegre e satisfeito, era bom nos exercícios e não lembro de ouvir você se queixar (CAPOTE, 1980, p.309)

Já para a descrição de Dick, algumas vizinhas de sua mãe apontam a um dos detetives que investigam o caso, Nye, uma personalidade perturbada:

Quando (Nye) se aproximava da propriedade dos Hickock, parou em casa de vizinhos, perguntando o caminho, ostensivamente. Na verdade, para fazer perguntas sobre o suspeito a senhora disse:
- Dick Hickock! Não fale esse nome! É o diabo em figura de gente! Roubar!? Era capaz de roubar um morto! A mãe dele, Eunice, era uma boa mulher. (CAPOTE, 1980, p.200)

Estes personagens são amplamente utilizados por Capote para descrever os protagonistas no universo físico, psicológico, moral, ideológico e social para que não restem dúvidas quanto à formação dos personagens principais ao leitor. Considerando que Dick e Perry necessitem de extensas descrições já que são redondos, que ora são sensíveis e medrosos, ora são mostrados sem escrúpulos ou mesmo limites, capazes de assassinar a própria família.

O autor conduz a narrativa ainda pelo seu lado jornalístico de deixar o que é defendido por ele na voz dos personagens, inserido pela seleção própria do Gatekeeper⁵. Dentro

⁵ O conjunto das forças, antes e depois da zona filtro, é decididamente diferente de tal forma que a passagem, ou o bloqueio, da unidade através de todo o canal, depende, em grande medida, do que acontece na zona filtro. Isso sucede não só com os canais de alimentação, mas também com a sequência de uma informação, dada através dos canais comunicativos, num grupo. (Lewin, 1947, 145).



desta perspectiva da seleção do jornalismo como zona de filtro, Machado (2002, p.47) afirma que “o jornalista experiente sabe que escrever significa omitir por seleção” e sobre o que é assegurado por Machado, basicamente só consta no material feito pelo jornalista o que convém a ele. Essa é a primeira “porta de entrada” (percepção) de um texto jornalístico.

Então Capote constrói personagens que são classificados como primários e secundários, sendo Perry e Dick os personagens primários, ou seja, que possuem as características para nortear a obra. Já todos os outros vão apresentando, ao poucos, os protagonistas, cada um complementando com uma informação nova. Estes aparecem na obra, são brevemente explorados e são considerados personagens planos, ou seja, segundo Vilares (1998, p. 16) “são caracterizados com um número pequeno de atributos que os identifica facilmente ao leitor”. Perry e Dick são personagens redondos, arquitetados com toda a sua complexidade psicológica e física. Para isso o autor os constrói a partir de angulações da narrativa, do olhar de terceiros (os personagens planos) ou do relato direto dos dois. Assim, em “A Sangue Frio” Capote aproxima-se da literatura utilizando diversos recursos da narrativa literária para dar complexidade a seus personagens principais.

Considerações Finais

A composição dos protagonistas da narrativa de Capote é baseada, em parte, na inserção dos personagens secundários. São relações de complementação onde a caracterização de Dick e Perry é alicerçada nas declarações de outras figuras da trama.

Estes personagens testemunha tornaram os protagonistas redondos, já que as características descritas foram de mais inocentes crianças que sofriam violência até de homens com coração de pedra, que ora sentem pena de suas vítimas, ora têm ódio mortal. Articulados, os protagonistas munem-se de explicações sobre a violência cometida contra a família Clutter. Este jogo de personagem é uma arte nas mãos de quem as utiliza bem. São encontros e desencontros que devem ser adequadamente situados no enredo.

Assim, Capote consegue produzir no leitor impressões diferentes dos dois personagens. Perry um sujeito marcado pela sua história de vida que é levado a cometer os crimes já nominados. Mas um homem sensível, capaz de largos diálogos e de perceber a arte. Já Dick é um homem frio, cínico, capaz de induzir Perry a cometer as atrocidades contra a família Clutter. Essa é a verdadeira indução de Capote: o narrador onisciente,



completamente intruso, vai construindo dois perfis distintos através do que parece uma sequência natural de fatos e falas e conduz o leitor para onde quer. Mas logo esse leitor atento faz o seu próprio caminho e encontra o Dick e o Perry próprios.

Pode-se dizer que o jornalismo literário encontra nas estruturas da narrativa literária a sua fonte de libertação, no sentido de poder percorrer os caminhos da verossimilhança com o real de forma mais segura, com mais recursos, como recomenda Juremir Machado. Construir personagens no jornalismo literário é percorrer a velha receita da narrativa.

Referências

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo, SP: Ática, 7ªed. 2002

CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**: O relato fiel de um assassino múltiplo e suas complicações/ Truman Capote; tradução de Ivan Lessa; São Paulo; Abril Cultural, 1980.

FERREIRA JUNIOR, Carlos Rogé. *Literatura e Jornalismo, Práticas Políticas: Discursos e Contradiscursos, o Novo Jornalismo, o Romance-reportagem e os Livros-reportagem*. São Paulo: Edusp, 2003.

FORSTER, E. M. 1974. *Aspectos do romance*. Trad. Maria Helena Martins. 2ª ed. Porto Alegre: Globo.

GOMES, Felipe Sáles; COSTA, Klenio Veiga da; BATISTA, Renata Lourenço. **Jornalismo Narrativo**. Eficiência e viabilidade na mídia impressa. Campos, UNIFLU, 2004.

SODRÉ, Muniz. **Best-Seller: a Literatura de Mercado**. Série Princípios. São Paulo, Editora Ática: 1988.

LIMA, Edvaldo Pereira. A demanda dos níveis de excelência. IN: LIMA, Edvaldo Pereira **Páginas Ampliadas**: O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura; Barueri, SP: Manole, 2004.

SÉRGIO, Ricardo. Foco Narrativo: Estudos Literários.. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/434347>, capturado no dia 25/01/2011 às 10h15.

MACHADO, Juremir. O que escrever quer calar. IN: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex. **Jornalismo e Literatura**: A Sedução da Palavra.; São Paulo; escrituras Editora; 2002.